



## OS HUMANOS DIREITOS: COMO PROJETO DE FUTURO À HUMANIDADE

### DERECHOS HUMANOS: COMO PROYECTO PARA EL FUTURO DE LA HUMANIDAD

Margareth Martins de Araújo<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo em tela visa socializar reflexões teórico-práticas que teve como campo experimental foi à formação de educadores sociais, realizada pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, No Curso de Extensão em Pedagogia Social para o Século XXI e Direitos Humanos, sob os auspícios do Projeto PIPAS-UFF (Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Formação Inicial e Permanente de educadores de Crianças e Jovens em Situação de Vulnerabilidades - CNPq), no campo de políticas públicas, biênio 2012-2022, junto à uma Secretaria Municipal de Direitos Humanos de uma cidade no Rio de Janeiro. Tece considerações acerca da Coordenação Compartilhada, metodologia utilizada para planejamento, execução e replanejamento dos encontros, eixo fundante do trabalho realizado. Como principais aportes teóricos contamos com: Freire (2001), ao trabalhar a importância das escolhas do educador perante seus educandos; Maturana (1998), ao refletir sobre a importância da aceitação do outro em sua legitimidade, Prigogine (1996), ao sinalizar ser a ciência um empreendimento coletivo e Santos (2010), ao tecer reflexões sobre o paradigma emergente.

**Palavras-chave:** Educação, Pedagogia Social, Formação do Educador Social, Direitos Humanos

**Resumen:** El artículo en cuestión tiene como objetivo socializar reflexiones teórico-prácticas que tuvieron como campo experimental la formación de educadores sociales, realizada por la Facultad de Educación de la Universidad Federal Fluminense, en el Curso de Extensión en Pedagogía Social para el Siglo XXI y Derechos Humanos, en el marco del Proyecto PIPAS-UFF (Grupo de Investigación, Enseñanza y Extensión en Formación Inicial y Permanente de educadores de Niños y Jóvenes en Situación de Vulnerabilidad - CNPq), en el ámbito de las políticas públicas, 2012-2022, en conjunto con una Secretaría Municipal de Derechos Humanos en una ciudad de Río de Janeiro. Hace consideraciones sobre la Coordinación Compartida, metodología utilizada para la planificación, ejecución y planificación de reuniones, eje fundacional del trabajo realizado. Como principales aportes teóricos tenemos: Freire (2001), al trabajar sobre la importancia de las elecciones del educador en relación con sus estudiantes; Maturana (1998), al reflexionar sobre la importancia de aceptar a los demás en su legitimidad, Prigogine (1996), al señalar que la ciencia es una empresa colectiva y Santos (2010), al reflexionar sobre el paradigma emergente.

<sup>1</sup> Professora Titular da Universidade Federal Fluminense, Coordenadora do Grupo de Pesquisa PIPAS-UFF



**Palabras clave:** Educación, Pedagogía Social, Formación de Educadores Sociales, Derechos Humanos

## **Introdução: Pedagogia Social e Políticas Públicas para os Humanos Direitos**

A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade. (Paulo Freire)

No ano de 2012, fomos convidados para participar do I Fórum Municipal de Promoção e Educação em Direitos Humanos de Niterói, uma aproximação desejada e necessária, uma vez que nós da Pedagogia Social travámos contatos com múltiplos e complexos espaços de convivência institucional. Foi um momento ímpar poder tomar ciência de um projeto em construção, assim como, contribuir para a elaboração de políticas públicas em direitos humanos. Algo diferente já se passava desde a aproximação com os profissionais da Secretaria Municipal de Direitos Humanos até ao desenrolar de todo o evento. A postura na abordagem sinalizava que algo novo estava por vir e com competência técnica, compromisso político, ética e gentileza tudo transcorreu.

Como integrante do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Pedagogia Social da Universidade Federal Fluminense, participar da elaboração de políticas públicas é próprio do nosso fazer. Côncios do nosso do nosso papel junto à sociedade, o grupo de pesquisa em acolheu de braços abertos a proposta e participou ativamente do trabalho proposto, articulando frentes de trabalho, unindo atores sociais de projetos já existentes no município e associando a expertise acadêmica da formação em Pedagogia Social. Compreendemos que o maior desafio a ser enfrentado por todos, será exatamente o movimento de sair do plano das ideias para o plano das ações concretas que, transformam realidades humanas para melhor. Para além de vontade política será necessário, entre outras exigências, um exercício permanente de vigília sobre aquilo que se deseja e de fato se realiza.

Como transitar entre o mudo das ideias e nos deslocar para o mundo concreto com o mínimo de segurança? Como não ceder ao mero verbalismo? Como perseguir constantemente a coerência entre o que falo e faço? Como não se deixar prender na armadilha do verbalismo? Como produzir a prática como ação criadora e modificadora da realidade? Como compreender direitos humanos, como humanos direito, transformando-os em uma verdadeira pauta para aqueles que verdadeiramente necessitam. Será que queremos verdadeiramente isso? Temos consciência do que se passa e do nosso papel? Eis questões que nos acompanharam durante todo o Fórum. ARAÚJO (2015), afirma ser a prática é pedagógica, conviver com o outro, imerso em sua realidade com mitos e desafios



decorrentes do ser e estar vulnerável também nos forma e transforma. Estamos dispostos?

Uma importante reflexão que nos acompanha é perceber a desumanização dos direitos humanos. Direitos humanos para quem? para que? Por que? São indagações que foram paulatinamente respondidas ao longo dos encontros e trouxeram luz às perspectivas formadoras, assim como, aos planejamentos da Secretaria de Direitos Humanos. Cabe aqui um parêntese para destacar a importância de uma participação integrada e colegiada entre a instância universitária e governamental, por meio da qual os sujeitos tinham voz e voto com o mesmo potencial de valor e importância. Ao romper com os valores hierárquicos da própria participação, o diálogo se estabeleceu, o trabalho fluiu e obtivemos surpreendentes resultados.

## **Curso de Extensão em Pedagogia Social, Direitos Humanos e Cidadania Planetária**

Todo caminho da gente é resvaloso.  
Mas; também, cair não prejudica demais –  
a gente levanta, a gente sobe, a gente volta! (...)  
O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim:  
esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa,  
sossega e depois desinquieta.  
O que ela quer da gente é coragem.  
O que Deus quer é ver a gente aprendendo a  
ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da  
alegria, e ainda mais alegre ainda no meio da  
tristeza! (Guimarães Rosa)

O tempo passa, ele é o nosso fio condutor ao longo da realização dos nossos projetos e, após algumas idas e vindas, é possível deslumbrar boa parte do caminho percorrido sob sua experiente batuta. Eis o plano de trabalho construído a partir das demandas criadas pelo município e correspondidas pelo nosso Grupo de Pesquisa, obedecendo a inspiradora percepção de sermos retaguarda da sociedade, atendendo aos seus anseios e necessidades, não mais como vanguarda dizendo o que é preciso ser feito. Nossas pesquisas são realizadas com as pessoas, e não sobre as pessoas.

Como objetivos contamos com: Certificar até 50 pessoas no Curso de extensão “Pedagogia social, Direitos Humanos e Cidadania Planetária”, em parceria com o Projeto PIPAS da Universidade Federal Fluminense; Formar agentes sociais, lideranças comunitárias, educadores sociais e populares a partir da perspectiva da Pedagogia Social como Cultura pedagógica e ferramenta teórico-prática de transformação das realidades; promover conhecimento teórico-prático sobre a Pedagogia social, os direitos humanos e a ecologia integral; **Promover a Educação em direitos** humanos em áreas de vulnerabilidade social, a partir do Programa Municipal de Promoção e Educação em



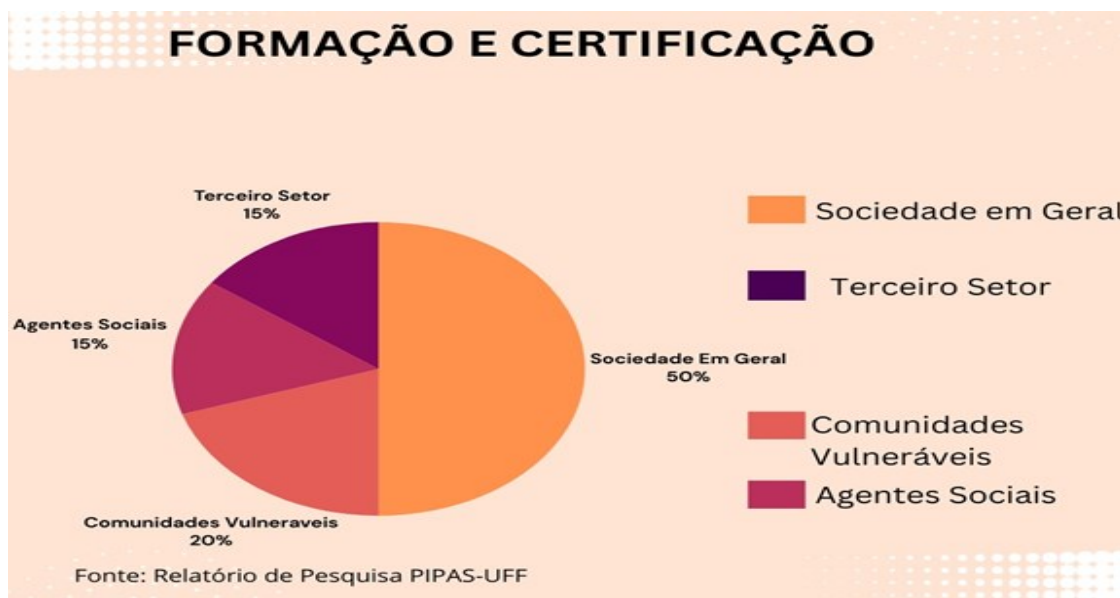
Direitos Humanos, melhorando os indicadores sociais no território municipal.

Deste modo, a SMDH e a UFF contribuem efetivamente para o aperfeiçoamento da prática dos agentes sociais no município, para a melhoria dos indicadores sociais nos territórios vulneráveis de Niterói; e para a promoção da Cultura da Paz, corroborando com iniciativas como o Pacto Niterói contra a Violência.

O público-alvo foi composto por agentes sociais, lideranças comunitárias e do terceiro setor, educadores sociais, educadores populares, agentes pastorais, empreendedores sociais, profissionais da área de Educação e pessoas que se interessem pelas temáticas propostas. Todos profissionais acompanhados pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos, após serem ouvidos sobre a formação apontaram como temáticas necessárias aquelas que integraram parte do conteúdo programático do curso.

Como metas para o curso elencamos formar e certificar, no mínimo, 35 pessoas no Curso de Extensão; Atingir agentes sociais de, no mínimo, 10 comunidades vulneráveis do município no qual o trabalho foi realizado; Alcançar agentes sociais de pelo menos 15 entidades do terceiro setor e OSCIPs. As metas foram traçadas em parceria com a Secretaria de Direitos Humanos e fizeram com que o curso obtivesse maior assertividade, razoabilidade e proporcionalidade. Quanto à formação e certificação é possível afirmar que foram alcançadas com sucesso. Cada cursista venceu as próprias limitações para alcançarem, com êxito, a frequência, a participação, o trabalho prático e os desafios advindos da teoria. Sabemos que muitos retomaram os estudos, após anos, ali na Extensão e incluí-los, do início ao fim, foi uma opção metodológica. É com alegria que detectamos não ter ficado ninguém para trás. Servimos a todos e a cada um, a partir das necessidades compreendidas, abraçadas e institucionalizadas, pois a Pedagogia Social, por nós realizada, compreende-se à serviço dos seres humanos, a favor da vida e em prol da humanidade.

Segue abaixo o gráfico referente à formação e certificação:





Na categoria Sociedade em geral incluímos pessoas que embora estejam fora do público-alvo do curso, solicitaram frequentar, fato que nos encheu de gratidão ao verificar que a temática ampliava o nosso campo de atuação. Nessa categoria encontramos alguns políticos, assessores, professores da rede municipal, os conferencistas e funcionários da rede. O terceiro Setor é composto por integrantes de associação de moradores, integrantes de religiosos de várias denominações como espíritas, católicos, evangélicos, entre outros. Comunidades vulneráveis são aquelas que sobrevivem com menos de um salário mínimo por mês, pessoas abaixo da linha da pobreza. Agentes sociais é composta por pessoas que trabalham para o desenvolvimento de ações comunitárias como assistentes sociais, psicólogos, pedagogos, assim por diante.

## **Metodologia:**

A participação do nosso grupo de Pesquisa no I Fórum Municipal de Promoção e Educação em Direitos Humanos da cidade na qual o curso se desenvolveu, foi uma aproximação desejada e necessária, uma vez que nós da Pedagogia Social tivemos contatos com múltiplos e complexos espaços de convivência institucional. Foi um momento ímpar em poder tomar ciência de um projeto em construção, assim como, contribuir para a elaboração de políticas públicas em direitos humanos. Algo diferente já se passava desde a aproximação com os profissionais da Secretaria Municipal de Direitos Humanos até ao desenrolar de todo o evento. A postura na abordagem sinalizava, que algo novo estava por vir e com competência técnica, compromisso político, ética e gentileza tudo transcorreu.

Como integrante do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Pedagogia Social da Universidade Federal Fluminense, participar da elaboração de políticas públicas é mister do nosso fazer. Côncios do nosso papel junto à sociedade, o grupo de pesquisa acolheu de braços abertos a proposta e participou ativamente do trabalho proposto, articulando frentes de trabalho, unindo atores sociais de projetos já existentes no município e associando a expertise acadêmica da formação em Pedagogia Social. Compreendemos que o maior desafio a ser enfrentado por todos, seria exatamente o movimento de sair do plano das ideias para o plano das ações concretas que, transformam realidades humanas para melhor. Para além de vontade política seria necessário, entre outras exigências, um exercício permanente de vigília sobre aquilo que se deseja e de fato se realiza.

A metodologia usada foi a coordenação participativa nascida do e no próprio movimento de pesquisa, é a Coordenação Compartilhada, utilizada para planejamento, execução e



replanejamento dos encontros, eixo fundante do trabalho realizado. Ela tem por objetivo alinhar as ações realizadas a partir do vivido e experienciado em cada encontro, de forma a impactar e traduzir suas complexidades no encontro presente. É exatamente essa tessitura que constitui o fazer discente, trazendo coerência e organicidade ao curso. Sublinhamos a necessidade de uma ação integrada entre cada educador, com planejamento prévio e organizado de forma solidária: um pleno exercício de autoria colegiada e legitimada pelo saber-fazer docente, inspirados na perspectiva da Pedagogia Social para o século XXI que aponta para a força do trabalho coletivo.

Na contramão do paradigma dominante que inundou as ações educacionais, escrevemos no enfrentamento e nos movemos corajosa e ousadamente, propondo uma ação metodológica fundada na integração, na ética e na valoração das mentes criativas postadas por cada sujeito do processo. Aqui não há lugar para a competição, traição ou puxadas de tapete, ao contrário, aqui é o lugar da humanização das práticas educacionais a serviço dos direitos humanos. Fazer educação social exige um esforço permanente para realizar nossas ações pautadas no binômio teoria-prática. Ousamos escrever ambas de forma unida, por assim percebê-las. Nós do Projeto PIPAS-UFF, construímos ao longo de mais de duas décadas realizando Pedagogia Social, compreendendo ser a prática pedagógica para todos aqueles que, com humildade, se propõem a com ela aprender; por esse motivo afirmamos que a prática, nada mais é, do que a teoria em movimento. (ARAÚJO, 2015). Assim como não deveria haver teoria sem prática, também não deveria haver prática sem teoria. A cisão entre ambas acarreta uma ciência desprovida de vida e da potência transformadora da ciência.

Sabemos não ser fácil chegar a um curso de Mestrado ou Doutorado e abdicar dos louros da “teoria pura, descontaminada da prática”, conforme dizem; mas não se trata apenas da cisão entre teoria e prática, falamos sobre um projeto de sociedade, de homem e de mundo, no qual a teoria associada à prática é concebida como um direito humano, uma vez que a cisão é promotora de uma sociedade capaz de achar que existem pessoas superiores umas às outras, apenas por portarem diplomas, trabalharem com a teoria. Tão grave quanto é conceber a sociedade dividida entre os que executam o trabalho manual ou braçal, dos que executam o trabalho intelectual.

Sonhamos com uma sociedade que seja capaz de exercer sua humanidade por meio da ética, do diálogo e da inclusão. Pensar, ser e fazer diferente não será motivo para



segregação, classificação ou exclusão dos seres humanos. Apostamos na unidade na diversidade, na união dos opostos e na convivência pacífica do homem com ele próprio, com os seus pares, com a natureza que o rodeia. A competição que se instaura a partir da cisão entre teoria e prática, aprofundada por sistema capitalista selvagem degrada o tecido social e aposta na destruição da própria humanidade. Basta olharmos ao redor para detectarmos o quanto estamos pagando um preço alto por renunciar aos valores importantes para a sobrevivência da nossa espécie.

A cisão entre teoria e prática ganha força entre as pessoas que ainda não compreenderam ser a vulnerabilidade uma condição humana e apostam nos seus títulos como “elmo protetor”. Ledo engano, fazemos parte de uma coletividade, a raça humana, dependemos uns dos outros, direta ou indiretamente; nosso destino é coletivo, mesmo que não nos demos conta disso. Um dos maiores desafios a ser enfrentado pela raça humana é compreender que a diferença é um direito humano e exercê-la também o é. Então, como diz Araújo (2015): o que nos iguala, é a diferença.

Aos interessados em se manter no poder, a divisão entre teoria e prática é muito interessante, pois perpetua a segregação, a iniquidade e a exclusão. Diante da separação apontada vemos um terreno fértil para classificar e excluir pessoas e, o que mais nos assusta, é a naturalização de tal prática. Aqueles que assim agem, ainda não compreenderam a interdependência existente no universo e na própria vida. Nascemos, vivemos e morremos dependendo uns dos outros; assim é a vida, assim caminha a humanidade, desde que o mundo é mundo.

Não fazemos aqui a apologia à prática em detrimento da teoria, muito pelo contrário, aqui ressaltamos não haver teoria sem prática e nem prática sem teoria. Reafirmamos o nosso compromisso como educadores sociais que somos, com a compreensão sobre a importância de formarmos mestres e doutores cômicos de tal visão, para que assim possamos ir além da teoria, ao tocarmos a realidade e a vida humana a, com o nosso saber-fazer. Eis um desafio ainda a ser encarado pela academia e pela ciência por ela produzida, portanto, a união entre teoria e prática é um direito humano tanto na prática, como na teoria.

Assim sendo, a prática em seu grau de importância nos coloca no campo de nossas atuações seja na universidade, seja na escola ou no espaço da gestão pública, entendendo as conexões que essas três instituições apresentam para nós e para os que



convivem nesses espaços, quer sejam, os professores, estudantes e gestores.

Apontamos aqui a importância de observarmos que as políticas públicas adentram por estas instituições trazendo o movimento de vida e ao mesmo tempo nos provocando aos desafios que cada uma delas nos traz. Quando dialogamos com os direitos humanos e estes espaços e das possibilidades que se abrem para os atores envolvidos, nos permitimos refletir e pensar sobre o papel do Estado nessas ações, que aqui não vamos aprofundar. Mas comentar sobre a possibilidade da formação de que tratou essa experiência do Grupo de Pesquisa PIPAS-UFF com relação aos vários profissionais que participaram, entendendo que como Curso de Extensão a diversidade é plural.

Portanto, nós profissionais da Pedagogia Social da UFF nos preocupamos e temos como nossa prática o compartilhamento de saberes, conhecimentos que necessitam dessa troca, desses momentos que tivemos conforme abaixo será mais detalhado. Esses saberes reforçando a escrita anterior estão diretamente relacionados com nossas práticas, nossos fazeres. Para nós a importância está na transformação de vida dos sujeitos que possam refletir o seu ser e o seu fazer.

E, escrevendo esse trabalho em várias mãos, já aqui está presente característica dessa Pedagogia Social que mesmo que singular é também coletiva, desta maneira convidando os autores para uma interlocução e um diálogo social e democrático entre si. Devido a isso, alguns questionamentos vão surgir na direção desse trabalho coletivo que foi se construindo em um processo dialógico: Como transitar entre o mundo das ideias e nos deslocar para o mundo concreto com o mínimo de segurança? Como não ceder ao mero verbalismo? Como perseguir constantemente a coerência entre o que falo e faço? Como não se deixar prender na armadilha do verbalismo? Como produzir a prática como ação criadora e modificadora da realidade? Como compreender direitos humanos, como humanos direitos, transformando-os em uma verdadeira pauta para aqueles que verdadeiramente necessitam? Será que queremos verdadeiramente isso? Temos consciência do que se passa e do nosso papel? Eis questões que nos acompanharam durante todo o Fórum. Araújo (2015) afirma ser a prática pedagógica, fato que acarreta e exige a convivência com o outro, imerso em sua realidade com mitos e desafios decorrentes do ser e estar vulnerável também nos forma e transforma. Estamos dispostos?

O Curso de Extensão possui certificação da Universidade Federal Fluminense, totalizando 110 horas, distribuídas da seguinte forma: - 30h de aula Expositiva, 30h-





Pesquisa de Campo, 30h - Lives da PS + Relatório, 20h - Elaboração de portfólio. O Curso será coordenado pela professora Margareth Martins de Araújo e ministrado pelos integrantes do Projeto PIPAS-UFF. As aulas serão presenciais, podendo ser virtuais, caso haja o agravamento da Pandemia, conforme as determinações das autoridades sanitárias. Os encontros terão duração de 3 horas, e cada cursista, segundo normas da Reitoria da UFF, poderá ter apenas uma falta. Cada cursista deverá apresentar um projeto em que comprove a implementação teórico-prático do conteúdo ministrado. Ao final do curso haverá a certificação dos cursistas que cumprirem os critérios estabelecidos pela Reitoria da UFF. Também haverá uma cerimônia de formatura. A infraestrutura para a realização do curso será oferecida pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos (SMDH).

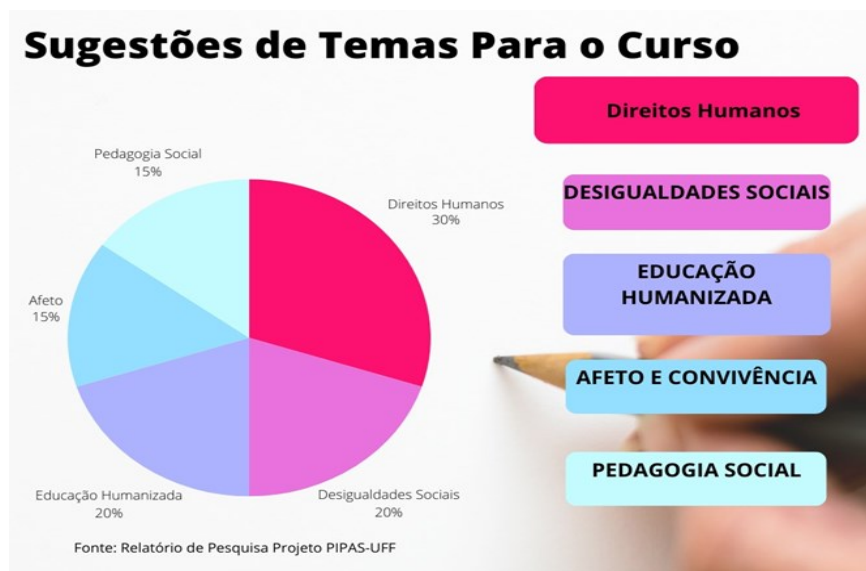
Os recursos necessários foram: Sala ampla e arejada, adequada às medidas sanitárias vigentes, em virtude da Pandemia do novo Coronavírus; cadeiras para todos os participantes, respeitando o distanciamento; álcool em gel, sanitários próximos e, se possível, disponibilizar máscaras descartáveis; microfone e amplificador, caso o espaço seja auditório; computador, Datashow e espaço para projeção de slides e recursos audiovisuais; blocos de folhas ou livretos de papel em branco e canetas; água e café para todos os participantes; lanche para os monitores; e garantir transporte para 2 monitores em cada encontro (ida e volta). Na medida do possível, conseguimos os recursos necessários à parceria entre o Grupo de Pesquisa e a Secretaria de Direitos Humanos fez com que nada faltasse para a realização de cada encontro e, o curso como um todo, foi coroado com êxito, também nesse aspecto.

## **Análise de Alguns Resultados: aprendendo a olhar**

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Pai, me ensina a olhar! (Eduardo Galeano)

Tenho me perguntado com frequência sobre o tratamento dado aos resultados de uma pesquisa e sempre sinto que não consigo olhá-los como um todo. Embora os revise com regularidade, sou surpreendida com detalhes não observados. Tal como o caleidoscópio, basta mudar de posição que, tudo muda e, portanto, só posso mostrar, os resultados parciais de uma complexidade vivida, pesquisada e experienciada. Busco em Galeno, no Livro dos Abraços, a ancoragem de que necessito para revelar a condição de inacabamento e impermanência de todas as coisas. Assim é a vida e, como afirmo frequentemente: pesquisa é vida! Assim sendo, múltiplos momentos se entrelaçam e, como fios de um bordado, revelam a beleza diante dos nossos olhos: “Pai, me ensina a olhar!” E assim fui aprendendo a refletir coletivamente sobre os dados obtidos, trazendo as lentes da teoria também para ajudar a olhar. A teoria eleita, funciona como as lentes de um óculos e, como tal, precisam ser adequadas para olhar.

Como conteúdo programático propusemos: Vulnerabilidades humanas e a Teoria da interseccionalidade. Por que pedagogia Social. A Pedagogia Social que fazemos. A subjetividade dos Direitos Humanos no contexto histórico. Pedagogia Social e Cidadania Planetária. Direitos Humanos, Pedagogia da Convivência e Cultura da Paz. Desigualdade Social e Juventudes. O afeto e a sensibilidade como caminho norteador. Direitos humanos em Freire. Pedagogia Social presente nos Conectados na leitura do mundo. Pedagogia Social: Pedagogia da Assertividade e Possibilidades. Para orientar a elaboração do conteúdo programático foi lançada a seguinte pergunta aos cursistas assim como para os palestrantes do curso: Qual o tema que você gostaria de ver abordado no curso? As respostas foram analisadas e agrupadas em temas geradores conforme exposto no gráfico abaixo.





Os temas geradores foram aprofundados pelos conferencistas do Grupo de pesquisa, cada um elaborou uma ementa, assim como um artigo e um planejamento para cada encontro. Todo esse material ficou disponível em uma pasta no drive da turma. O livre acesso ao material produzido, permitiu um amparo teórico para os cursistas, durante a elaboração do portfólio, temática a ser revisitada posteriormente, a ser apresentado ao final do curso, para uma banca integrada pelos conferencistas. Como teórico-práticos não concebemos uma educação apartada do eixo saber-fazer e, portanto, o mesmo ocorreu no Curso de Extensão.

Agora abordaremos parte do conteúdo abordado em cada eixo, objetivando exemplificar e contextualizar o trabalho realizado. Direitos Humanos, como carro-chefe das reflexões oriundas da demanda do grupo de cursistas Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III) em 10 de dezembro de 1948; em diálogo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB nº 9394/1996, reafirmando a educação como direito. Sobre Desigualdades Sociais inspiramos nossos estudos nos índices oficiais do Governo Federal. Para Educação Humanizada, os estudos de Paulo Freire, em especial Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. No que tange à Afeto e Convivência ficamos com Pedagogia da Convivência de Xesus R. Jares, Nutrir os Afetos de Boris Cyrulnik, Pierre Furter e Araújo com a Teoria dos Três As, em Pedagogia Social: Diálogos com Crianças Trabalhadoras. Finalmente, encontramos nos estudos das coleções sobre Pedagogia Social organizados por Roberto da Silva.

As temáticas eleitas funcionaram como bússola a nortear o trabalho de autoria de cada conferencista e permitiu, para além de um trabalho integrado e contextualizado, a prestação de um serviço à população de forma coerente e potente. Acreditamos ser a Extensão um importante veículo de diálogo entre a universidade e a sociedade e apostamos nesse diálogo como forma de expressão de uma ciência produzida pelo e para o povo. Em cada resposta recebida havia uma vertente de orientação para cada um dos conferencistas e possibilitou à coordenação do curso, chegar ao designer obtido como proposta do curso. Descobrimos aqui a potência dialógica da metodologia desenvolvida em cada encontro, por meio do aluno que orienta o professor e do professor que orienta o aluno. Trata-se portanto, de um curso construído por muitas mãos e múltiplos olhares argumentativos. Externamos aqui a nossa gratidão por cada um que nos ensinou, orientou e conduziu. O sucesso do curso é de todos e a autoria também.

Um teor de ineditismo vivenciado na concepção do curso, encontrou lugar no cuidado como dimensão existencial e formadora dos seres humanos. Falamos sobre uma dimensão capaz de produzir superações pessoais e sociais quando ancorada às reflexões sobre a profunda relação existente entre desenvolvimento planetário e humano. Araujo (2015), sinaliza que o cuidado tem dupla dimensão: a de manter vivos os seres humanos e o planeta, e a



compreensão de que a coletividade é o destino da humanidade, fato que nos faz desenvolver o sentimento de irmandade para com as outras pessoas. (p, 81). Sendo coletivo o destino da humanidade, é bom sinalizar que desenvolvimento planetário e desenvolvimento humano, para o bem de todos, precisam caminhar juntos. Situação bem diferente observamos na atualidade onde a ciência evolui e grande parte da sociedade caminha na direção oposta, Por que será? Quem se importa? Quem se responsabiliza?

## **Os Portfólios como opção política de reintegração plural e contextualizada.**

O homem, por ser inacabado, tende à perfeição. A Educação é, portanto, um processo contínuo que só acaba com a morte. (Pierre Furter)

Era chegada a hora de fazer valer na prática tudo aquilo que pregamos na teoria e, construir uma possibilidade não apenas de acesso, mas de permanência no curso dos excluídos dos bancos escolares no passado. Não importam os motivos pelos quais abandonaram os estudos no passado, e sim a permanência com sucesso para que possam perceber, as portas abertas da universidade, para todos os que queiram. A pergunta desse momento é: Como fazer para que ganhem confiança, gostem e queiram permanecer? Precisávamos de uma metodologia capaz de trazê-los para a universidade e, ao mesmo tempo, potencializá-los. Precisávamos construir um sentimento de que eram capazes e, ao mesmo tempo, de pertencimento. Os portfólios passaram a ser uma opção política de reintegração aos estudos e à universidade.

Após a organização do curso como um todo, compreendemos ser necessário um trabalho final que coroasse, o percurso realizado, com sucesso, gratidão e alegria. Sucesso por terem conseguido enfrentar todos os desafios impostos pelo processo, com sucesso. Gratidão pelo reconhecimento de que foram e são capazes e alegria por entendermos o trabalho acadêmico como *poiésis*, e não *tripalium*. Trabalhar com a potência humana, fazer parte da solução e não do problema é um desafios que mais nos seduz na Pedagogia Social que, sem “caçar bruxas”, parte para a solução; por este motivo também a chamamos de Pedagogia do próximo passo. O próximo passo, por sair da interdição que ora se encontra e, seguir rumo à superação. Ninguém disse que seria fácil, mas a Pedagogia Social se põe a serviço das pessoas em situação de vulnerabilidades e, portanto, fica ao lado dos que sofrem, durante a travessia, seja na vida ordinária, escolar, profissional... Ao olharmos por meio de uma perspectiva futura, o que certamente veremos, são pessoas que, um dia tiveram sob os auspícios da Pedagogia Social no passado, estendem as mãos para e na travessia de outrem.

Essa é uma lógica percebida após duas décadas e meia de pesquisa na área de educação social, é assim que funciona e precisa ser. Pois as interdições aos menos favorecidos socialmente, só aumenta e, como educadores sociais somos chamados a nos inquirir sobre o que podemos fazer, com o que tenho e de onde estou? Eis a lógica que rege os portfólios



que, por meio da expertise de cada um, sugere uma ação sociopedagógica, a ser posta em ação. A organização do trabalho requer o seguinte caminho de diálogo com e na prática: O que farei? Com quem farei? Onde farei? Quando farei? Como farei? Então a proposta é a de que cada cursista olhe para si, observe o que sabe fazer e disponibilize esse conhecimento para uma pessoa ou um grupo de pessoas. Algo possível de ser realizado e extremamente potencializador, pois por intermédio do trabalho altruístico, nos descobrimos capazes, potentes e realizadores. Seres humanos promotores de vida, impulsionando outros seres humanos. É lindo, revolucionário, e simples, com toda a complexidade que existe na simplicidade como nos alerta Morin (2005).

Dentro dos princípios pedagógicos da Pedagogia Social para o Século XXI, desenvolvida na Universidade Federal Fluminense, não se separa Ensino, Pesquisa e Extensão, são indissociáveis e, como tal, compõem um tripé no qual deve se apoiar o trabalho de todos e quaisquer professores universitários; ao menos em tese. Trata-se de um processo extremamente formador, em especial, para os professores universitários, que empresta à universidade, a visibilidade sobre a sua real função. Dentro deste panorama intelectual, social e pedagógico, os portfólios ganham dimensão de um dínamo propulsor de uma energia capaz de ativar, as áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão como produtoras e/ou co-produtoras de cada atividade realizada. Exemplificando: se curso for da área ensino, os portfólios ganham status de produtor e pesquisa e extensão, de co-produtora; e assim por diante.

Sobre o processo vivido, pesquisado e teorizado da Pedagogia Social, Araújo (2017) aponta ser uma pedagogia que toca almas, transforma vidas, estabelece pactos e instaura poder. Por se tratar de uma educação que, além de inclusiva e permanente, também amplia sua atuação para o campo da proposição. Para a pesquisa na área da Pedagogia Social, não basta detectar uma situação para explicá-la ou explicitá-la, é preciso propor alternativas de superação da situação encontrada; não em forma de intervenção, mas como mediação das reflexões oriundas do processo de pesquisa. É uma pedagogia que abre mão da zona de conforto, comunicando o detectado, mas ousa assumir o espaço-tempo de ser mais um a pensar junto com os sujeitos da pesquisa. Não somos mais os pesquisadores que saem da universidade para olhar de cima para baixo as questões sociais; somos mais um com os pesquisados, nos banhamos nas águas da história e com ela vivemos, nos constituímos e nos transformamos no pesquisador social.

Eis a fundamental diferença, pois não falamos apenas em nome da universidade, é nossa identidade e não seria ético fazê-lo, sob pena de nos tornar falsos, piegas, ou até mesmo manipuladores. Somos cientistas sociais que fazemos pesquisa com, e não sobre os fatos, processos e pessoas. Importa sinalizar, não haver nenhum demérito em formas diferentes de fazer pesquisa, uma vez que, detectar fatos é muito importante, mas os pesquisadores sociais, vão além e, com humildade, compreendem “ser mais um com os outros”. Ser mais um com os outros é um aprendizado advindo da filosofia africana denominada Ubuntu, “a pessoa é pessoa no meio de outras pessoas” ou “eu sou porque nós somos”; uma importante Contribuição à Pedagogia social desenvolvida há mais de duas décadas, na e pela Universidade Federal Fluminense. É com e por meio dela que imprimimos o teor humanizado e humanizante em nossas reflexões, ações, e produções. Após tantos anos de pesquisa inspirada na filosofia Ubuntu, é possível afirmar a existência de um teor ontológico



e metafísico na mesma, capaz de produzir humanidades, a partir da compreensão sobre o pertencimento histórico, político e social.

Os portfólios como produto final do Curso de Extensão, além de ser uma opção política, também se traduz em metodologia capaz de lançar o cursista à condição de apresentar um trabalho acadêmico, seguindo normas preestabelecidas com disciplina. O rigor acadêmico fica garantido, sem ser rígido. A flexibilidade contida nesse tipo de metodologia, observando sempre o cronograma divulgado com antecedência, propicia um ambiente saudável aos estudos e promove o bem-estar intelectual; duas situações pelas quais primamos. A Pedagogia Social, por compreender que todos são capazes em seu próprio tempo, não comporta posturas de competição ou a existência de pódios e, por este motivo, promove ações solidárias durante todo o curso.

Implantamos uma rede de apoio à elaboração dos portfólios, constituída pela figura do Coordenador de Portfólio que, como almenara coordena todo o processo, Orientador de Portfólio, capaz de ajudar a pensar nas etapas sugeridas a partir de onde o cursista se encontra, do que ele tem e pode realizar. Compreendemos que, com este movimento, a trajetória de sucesso do cursista está cinquenta por cento garantida, cabendo exclusivamente a ele, os outros cinquenta por cento. Também trabalhamos com as Duplas Operativas, um movimento pedagógico capaz de fortalecer o processo de orientação e elaboração dos portfólios. Mais uma vez, a figura da Pedagogia Social como porte se faz presente e reafirmamos a concepção de que poder passar junto com alguém os momentos de maior fragilidade, possibilita seguranças para alcançar com sucesso o destino.

Aqui alcançamos uma das mais importantes dimensões da Pedagogia Social, a dimensão do cuidado para com o próximo. Uma dimensão que só pode ser ativada se, vivida primeiramente, no e pelo sujeito, na tradução do autocuidado. Partilha e generosidade também fazem parte do processo; são duas posturas extremamente importantes à formação do educador social. Com isso é possível afirmar que a própria metodologia do curso, também se constitui em conteúdo. O diagrama abaixo traduz o movimento vivido e tem por objetivo, explicitar a infraestrutura pedagógico-metodológica, estabelecida durante e para o curso; de modo a propiciar o sucesso de todos, pois educadores e educandos fazem parte de uma mesma realidade e, o sucesso de um, se traduz no sucesso de todos.



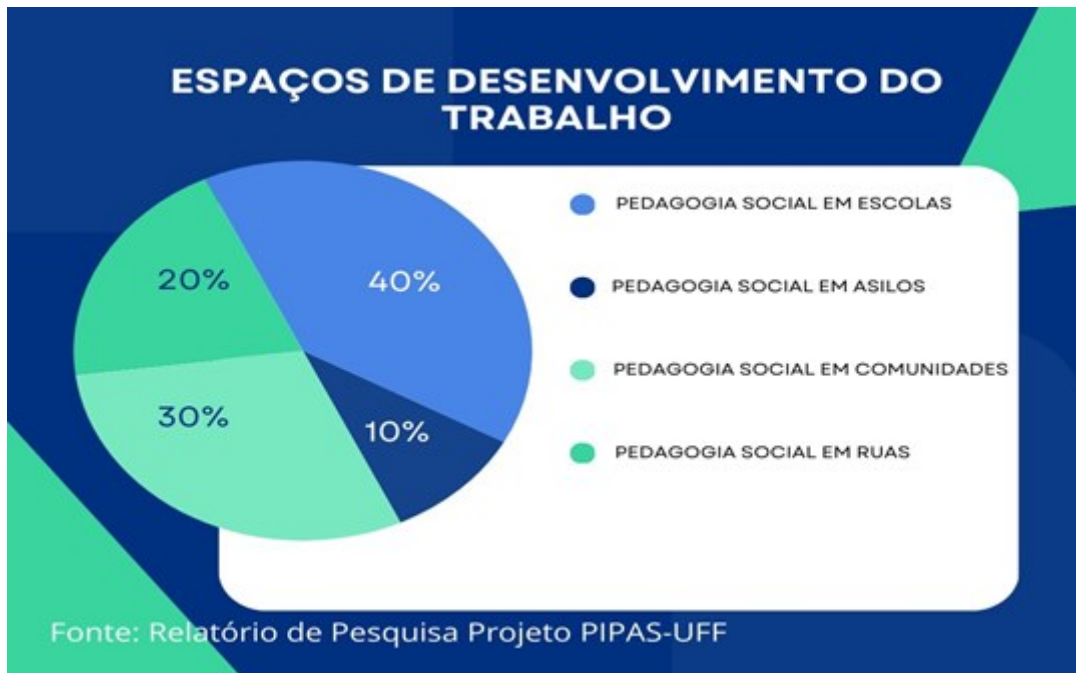


Para a finalização do curso desenvolvemos as Bancas Acolhedoras, composta pelos conferencistas e, como o próprio nome sugere, teve como objetivo, acolher os trabalhos realizados durante o curso em forma de portfólio. Após cada apresentação uma apreciação foi realizada e os trabalhos incorporados aos arquivos do curso, para que todos pudessem ter acesso. A concepção de Banca Acolhedora envolve a compreensão por parte de seus integrantes, sobre a importância do trabalho que desenvolvem, ao estabelecer um diálogo com os autores dos portfólios. Cada palavra mencionada precisa manter a esperança e apontar para a superação de possíveis falhas por parte de quem apresenta. Como mais um dos propósitos da atividade encontramos o estabelecimento de uma proposta de continuidade da atividade por parte do cursista ou de alguma pessoa que foi alcançada pela proposta.

Aprender a fazer e a receber críticas, são duas faces de uma mesma realidade que se complementam e propicia aos sujeitos envolvidos, a possibilidade de se colocar no lugar do outro, fato que se traduz em um exercício permanente de empatia. Para além da empatia, também contamos com a ética sinalizando os caminhos possíveis para todos que, durante as apresentações e apreciações, se encontram no intrigante exercício de educar e ser educado concomitantemente. Por este motivo, é possível afirmar ser o curso um momento de ensinagem e aprendizagem para todos, independente da posição que ocupem no processo. Não há a mínima possibilidade de pura e simples transmissão de conhecimento, pois o diálogo como opção da metodológica, da feitura de cada encontro, necessariamente é promotor de trocas profícuas e múltiplas aprendizagens.

O ponto desafiador do processo reside na imprevisibilidade na necessidade de cada um se definir como portador de conhecimentos diferentes, capazes de gerir uma aula como acontecimento. A aula como acontecimento pressupõe algo que vai além da mera comunicação-transmissão de conteúdos; pressupõe autorias coletivas e aceitação do próprio conhecimento e do conhecimento do outro. Ainda requer por parte de todos os envolvidos no processo, o exercício permanente de humildade. Em especial ao educador-conferencista é conferida a habilidade de incorporar no texto oral de sua conferência e posteriormente incluir o texto escrito sobre a conferência, movimentos reflexivos capazes de mudar o percurso traçado, o que chamamos de planejamento.

Diante do exposto até agora, é possível mostrar o mapa conceitual dos espaços e temas apresentados à banca.



Ao observarmos o mapa conceitual acima, compreendemos de forma gradativa, o reflexo do trabalho realizado por meio do Curso de Extensão em Pedagogia Social, Direitos humanos e Cidadania Planetária e o impacto do mesmo, nos espaços onde cada mediação sócio-pedagógica foi desenvolvida. Mediação sócio-pedagógica é um processo que se estabelece entre o cursista e a pessoa ou grupo de pessoas, com a qual ou com os quais se estabelece a relação de convivência em busca do processo de construção de conhecimento, envolvendo experiências e reflexões acerca do trabalho realizado. O mapa conceitual também permite estabelecer conexões entre conceitos e conteúdos e relações pessoais, intrapessoais e interpessoais. Trata-se de um processo que modifica pessoas, espaços e tempos vividos.

É como aponta Diego ao avaliar o processo vivido:

Logo de início pensei não ter nada para oferecer, achei não ter nada em mim que pudesse ser útil para alguém, mas me interessei tanto pela proposta do curso que resolvi arriscar. Logo na primeira orientação sobre sobre o trabalho de campo, iniciei um processo de autoconhecimento e comecei a conjecturar sobre a possibilidade de realização do mesmo. O resultado foi surpreendente, inovador e inesperado. Sabe, não vou mais parar de realizar ações sociopedagógicas assim, pois mudei internamente, ao me voltar para outras pessoas. Sabe quem de fato foi ajudado? Eu! (Relatório de Pesquisa, Projeto PIPAS-UFF).





Diego, um jovem advogado de 29 anos, funcionário de uma das equipes da secretaria de Direitos Humanos de outro município, traduziu em suas palavras, a confirmação de um dos mais belos e importantes princípios existentes na atividade de elaboração e consecução dos portfólios: o processo de autoconhecimento e de transformação pessoal advindos do processo vivido, pois não há como tocar o outro, sem ser tocado primeiro. Não há como transformar a vida do outro sem transformar a minha vida também. Essa potência cinestésica, oriunda das atividades de elaboração dos portfólios, é de fundamental importância à Pedagogia Social, pois é prova concreta de tudo aquilo que é ensinado e estudado na teoria estudada. Segundo John Dewey (1975), educação é vida, e não preparação para a vida.

Um processo educacional burocrático dificilmente deixará marcas na vida pessoal de uma pessoa, mas quando social transforma a vida de todos os envolvidos. Ao finalizar o curso e detectar a beleza do trabalho realizado e a importância sociopedagógica do mesmo, o sentimento da equipe idealizadora foi de dever cumprido e de muita satisfação ao poder realizar uma educação humanizada e humanizante. É, acima de tudo, compreender ser a educação social necessária e possível em uma nação como a nossa que, tanto necessita de movimento educacionais permanentes de inclusão. Um ser humano incluído na vida educacional de uma nação certamente, virá a contribuir para o surgimento de outras práticas de inclusão, pois basta olhar para si e perceber que é possível. Ele se transforma em uma prova viva do teor revolucionário existente em uma educação humanista. A Pedagogia Social trabalha no aprimoramento do ser humano por meio da educação, objetivando o desenvolvimento, a dignidade e o bem-estar sociopedagógico. Longe de ser a panaceia do mundo, a Pedagogia Social promove processos humanizantes e humanizadores, capazes de revigorar pessoas, relacionamentos e, acima de tudo, potencializar educadores e educando que tanto sofrem nos bancos escolares, por se sentirem inaptos e inábeis.

## **Considerações Individuais: DA VANGUARDA À RETAGUARDA: DESAFIO AOS INTELLECTUAIS**

Por muitas razões, tenho defendido que o tempo dos intelectuais de vanguarda acabou. Os intelectuais devem aceitar a si mesmos como intelectuais de retaguarda, devem estar atentos às necessidades e às aspirações dos cidadãos comuns e saber partir delas para teorizar. (Boaventura de Souza Santos)

Como conceber o exercício da intelectualidade com o outro e não apenas para o outro? Como abrir mão do meu conhecimento em prol do diálogo com o conhecimento do outro? Como não colonizar o outro com o meu saber-fazer e eticamente admitir o saber-fazer do outro? Como em um local de disputa como o mundo acadêmico você se colocar ao lado e



não sobre os demais? Como exercer uma pesquisa que migra do objeto de pesquisa para o sujeito da pesquisa? São questões de cunho epistemológico, necessárias ao pedagogo social, sob pena de jamais sê-lo. Como estar atento às necessidades e às aspirações dos cidadãos comuns e saber partir delas produzir teoria com eles e não apenas para eles? Aqui evidenciamos a necessidade exercício permanente da humildade aliada ao autoconhecimento, pois no dizer de SANTOS (2008), todo conhecimento é autoconhecimento.

Como contribuição para as reflexões do dia, o Projeto PIPAS-UFF encaminhou cinco princípios a serem estudados, avaliados e se possível considerados pela Secretaria de Direitos Humanos da cidade na qual o curso se processou, para auxiliar na elaboração de futuras políticas públicas. São eles:

- 1- É mais simples do que se pensa: atenção - o simples é complexo;
- 2- Ancorar em todas as ações teóricas à prática – o teórico prático;
- 3- Manter conexão permanente entre o local e o global evitando o deslocar das ideias da realidade concreta dos sujeitos envolvidos no processo;
- 4- Não perder a humanidade: muitos se desumanizam no processo; e
- 5- Considerar o saber-fazer de todos: sem hierarquizar.

Aqui buscamos funcionar na retaguarda dos espaços-tempo da nossa pesquisa, aprendendo com os sujeitos temporais com os quais convivemos em situação de pesquisa e comunicamos o aprendido com eles e para eles nos fazemos porta-voz do ensinado-detectado-aprendido. Encaminhamos a possibilidade desses cinco princípios como metodologia de ação a ser implementada nas abordagens e convivências com e nos contextos de emergências, cenários do exercício de uma educação para os humanos direitos. Sinalizamos ser humanos direitos, não como uma crítica a história jurídica dos direitos humanos mas, em especial, como denúncia por detectarmos múltiplas e complexas desumanidades no trato com tudo o que é e deveria ser humano. Pessoas vítimas de muitas vulnerabilidades são expostas a processos desumanos de interdição de vida e existência. Em muitos casos, nos parece mais direitos “dos manos”. De quais humanos seriam esses direitos? Busquemos estar sempre atentos às necessidades e às aspirações dos “cidadãos comuns” e, saber partir delas para realizar o sonho de Direitos Humanos como projeto de futuro à humanidade, por meio do nosso trabalho.



## Referências:

Araújo, Martins Margareth. *Pedagogia Social: Diálogos com Crianças Trabalhadoras*. Editora Expressão e Arte, São Paulo, 2015.

\_\_\_\_\_. Margareth Martins de. *Por que Pedagogia Social*. Revista Pedagogia Social. Brasil. UFF, 2017.

\_\_\_\_\_. *Por uma Pedagogia Social para o Século XXI*. Editora CRV, Curitiba, 2020.

Cyrułni, Boris. **Nutrir os Afetos**. Instituto Piaget, Lisboa, 1995.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. Anísio Teixeira (Tradutor), Editora Melhoramentos, Rio de Janeiro, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FURTER, Pierre. **Educação E Reflexão**. Petrópolis, Vozes, 1972.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Rio de Janeiro, L & PM Editores, 2005.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução do francês: Eliane Lisboa - Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.

Santos, Boaventura. *Um Discurso Sobre a Ciência*. Editora Cortez, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. *A cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra, Edições Almeida, Biblioteca Nacional de Portugal – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SANTOS, 2020.

SILVA, Roberto e CLEMENTE, João (org.), *A Pesquisa em Pedagogia Social*. V. X. Editora Expressão e Arte, São Paulo, 2021.